

O Cinema como ferramenta de desenvolvimento do senso crítico em acadêmicos de jornalismo: Relato de experiência sobre o Cineclube de Macapá – AP, Brasil

Marinalva Paes Santana  ^{1*}

¹Jornalista, Faculdade Estácio/SEAMA. Macapá-AP Brasil. E-mail: agendacult@hotmail.com *Autor para correspondência

RESUMO. Diante da realidade atual do ensino superior, é importante que os docentes se preocupem em trazer para seus alunos, em linguagem acessível, o uso de recursos midiáticos como instrumentos que os instiguem a pensar o mundo como cidadãos ativos e transformadores da sociedade em que vivem. Neste contexto, este trabalho se resume a uma revisão de literatura, cujo propósito é mostrar a linguagem do cinema como uma importante ferramenta no desenvolvimento do senso crítico em acadêmicos de jornalismo. Sendo apresentado juntamente com esta revisão literária, observações e percepções da autora baseadas em experiências obtidas no cineclube Clube de Cinema, na cidade de Macapá.

Palavras chave: cinema e educação, mídias, senso crítico, jornalismo, cineclubes

Cinema as a tool for the development of critical sense in academics of journalism: experience report about the Cineclube of Macapá - AP

ABSTRACT. Faced with the current reality of higher education, it is important that teachers are concerned to bring to their students, in accessible language, the use of media resources as tools that incite them into thinking the world as active and transforming citizens of the society in which they live. In this context, this work resumes a literature review, whose purpose is to show the language of cinema as an important tool in the development of critical sense in academic journalism. With this literary review, the author's observations and perceptions are presented based on the experiences obtained at Cineclube - Club of Cinema, in the city of Macapá.

Keywords: cinema and education, media, critical sense, journalism, cineclubes

Introdução

Com o advento das novas tecnologias de comunicação, como a internet, notebooks, datashows, tablets, celulares, wi-fi e mídias digitais e sociais, a conduta e as metodologias adotadas pelos professores passou e vem passando por profundas transformações que modificaram quase que por completo a maneira destes profissionais atuarem em sala de aula, tornando a educação uma via de mão dupla e não linear como nos padrões adotados até o fim do século XX e início do século XXI, quando o professor comandava a sala e era o único transmissor e

formador de conhecimento (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p. 16).

As tecnologias midiáticas num contexto geral, influenciam no modo de pensar, sentir, agir e relacionar-se socialmente, conseqüentemente, gerando uma nova cultura e modelo de sociedade (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p. 16), tornando possível ao professor que evoluiu seu modo de pensar e de se comunicar com o auxílio dos recursos midiáticos, a obtenção de grande êxito no desenvolvimento cultural de seus alunos a partir da construção de diferentes significados para discursos já vistos (contextualização no tempo e no espaço (RAVANELLO, 2013) em função da orientação do professor com relação à

temática trabalhada em sala de aula, assim como , pela correlação que o espectador faz do que é assistido, com situações e experiências por ele vivenciadas (AQUINO et al., 2015).

O professor que utiliza do Cinema como ferramenta para a construção do senso crítico de seus alunos, além de alimentar seu próprio senso crítico, a partir da observação de aspectos históricos, sociológicos e perfis psicológicos apresentados nos filmes utilizados em sala de aula (AQUINO et al., 2015) desenvolve de forma lúdica o aprendizado da leitura e interpretação de imagens, mudando o status de seu público de passivo para espectador crítico (CARMO, 2003).

Entretanto, a partir da ciência de que o Cinema possui grande influência na produção dos saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um extenso contingente de atores sociais (DUARTE, 2002, p. 19) e que possui capacidade de modificar violentamente o conjunto de crenças, valores e significados que o homem compartilha com seu grupo (COSTA, 2007, p. 282), o professor deve se preparar para fazer do imaginário comum que o cinema desperta nos espectadores, a base para as discussões e debates produtivos em sala de aula, a fim de não ditar padrões e estereótipos que possam interferir de maneira negativa no desenvolvimento cognitivo de seus alunos (COSTA, 2007; CARMO, 2003).

Este artigo busca demonstrar o Cinema em sala de aula como ferramenta de amplas possibilidades na construção do aprendizado e do senso crítico, em acadêmicos de jornalismo.

Através de um estudo teórico sobre Cinema em Sala de Aula e da vivência experiência no cineclube Clube de Cinema, na Cidade de Macapá, no estado do Amapá, a autora defende a ideia do filme nas aulas dos cursos de jornalismo, como um multiplicador de mentes pensantes, opinativas e livres de preconceitos.

Caracterização do Cineclube

O cineclube Clube de Cinema, funciona em Macapá desde maio do ano de 2010, e surgiu da parceria entre o FIM (Festival Imagem-Movimento) e o Sesc Amapá. Organizado e dirigido por voluntários daquele Festival de Cinema.

O cineclube, é o único em Macapá, que continuou com suas atividades de exibição e

discussões sobre Cinema, ininterruptamente, até os dias atuais. Nas palavras da Jornalista Amapaense, Alcinéa Cavalcante, em seu site jornalístico (www.alcinea.com), o cineclube é um espaço de “cinema de qualidade e gratuito, onde é possível refletir e debater sobre diferenciados temas”. E é por esse viés de discussão reflexiva que o Cinema se torna uma ferramenta de construção do conhecimento e desenvolvimento do olhar crítico sobre as questões abordadas na obra cinematográfica.

A primeira sessão do cineclube aconteceu na Sala de Cinema Charles Chaplin, no Sesc Amapá, um dos parceiros, naquela ocasião. Poucos meses depois, o cineclube passaria suas atividades para o auditório do Museu da Imagem e do Som do Amapá (MIS AP), - que funcionava, na época, no âmbito do Teatro das Bacabeiras, área central de Macapá -, onde ficou por 3 anos. Depois, com as mudanças políticas no cenário amapaense, a coordenação do cineclube sentiu a necessidade de se mudar do espaço cedido pelo Museu, para um espaço próprio. Foi assim que o cineclube passou a funcionar no Espaço Caos Arte e Cultura, onde continua funcionando até os dias atuais.

Resumidamente, a dinâmica das exposições acontece com uma breve contextualização dos filmes, pela equipe de coordenação do cineclube, como forma de estimular a visão crítica e o debate sobre o filme, entre mediadores e o público que prestigia as mostras. Em sessões especiais, são convidados cineastas, fotógrafos de cinema, roteiristas e diretores para comentarem suas obras cinematográficas. Uma das sessões, por exemplo, contou com a presença do cineasta pernambucano Camilo Cavalcante que exibiu parte de sua filmografia e respondeu questões formuladas pelos presentes. “Esse é um dos papéis desempenhados por um cineclube: além de difundir os produtos audiovisuais, o movimento cineclubista busca também aproximar os realizadores independentes, de seu público”, explicou Alexandre Brito, da equipe de coordenação do Clube de Cinema.

Nos primeiros anos, as sessões do cineclube aconteciam quinzenalmente, atualmente, uma vez ao mês. Sempre com filmes que trazem uma abordagem crítica ou reflexiva, com o intuito de provocar discussões e debates que venham despertar o público espectador para as questões humanas, éticas e sociais, construindo visões de mundo mais amplas e enriquecedoras.

Enquanto observadores do comportamento do público, fiel às exibições de filmes no cineclube Clube de Cinema, percebeu-se que nas primeiras visitas, o espectador permanecia inerte, comportando-se como mero público passivo, não se atrevia a comentar, quando chegava o momento de exposição das impressões sobre o filme em questão. À medida em que esse espectador mantinha uma assiduidade aos encontros cineclubistas, e atentava para as discussões, pós exibição, era possível que já fizesse alguns comentários, que demonstravam uma transformação no seu modo de ver o filme. Ele passava de consumidor de imagens, a leitor das imagens cinematográficas. E com o tempo, esses comentários tomavam um corpo crítico, em tom reflexivo, ao fazer uma comparação com acontecimentos da sua própria realidade social.

Conceito de Cineclube

Desde sua origem, no início do século XX, os cineclubes já serviam ao propósito da educação através do Cinema, possibilitando ao espectador um olhar crítico diante das obras cinematográficas. Passou por transformações, mas sem perder a essência de ser um espaço de discussões e debates intelectuais e também de fomentação da produção de cinema independente e questionador. Sendo assim, um instrumento de alto potencial didático para uso em sala de aula, principalmente para o curso de jornalismo. De acordo com Felipe Macedo, do site Observatório Cineclubista,

“Os cineclubes surgiram nitidamente em resposta a necessidades que o cinema comercial não atendia, num momento histórico preciso. Assumiram diferentes práticas conforme o desenvolvimento das sociedades em que se instalaram. Mas assumiram uma forma de organização institucional única que os distingue de qualquer outra.” (MACEDO, 2017), neste sentido, seguem três características, sem as quais não seria possível a existência de um cineclube, são elas:

- O cineclube não tem fins lucrativos.
- O cineclube tem uma estrutura democrática.
- O cineclube tem um compromisso cultural ou ético.

Origem do cinema

O Cinema surgiu no final do século XIX, em 1895, na França e seus precursores foram os irmãos Louis e Auguste Lumière, a partir do advento de outra invenção, a fotografia, criada por Louis-Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce, e desde então, com o avanço tecnológico, vem reproduzindo no imaginário dos espectadores, fatos, personalidades, fenômenos, ideologias e outros fatores que influenciam na percepção de mundo daqueles que se expõem às obras cinematográficas, sendo esta, uma arte que não se compromete em ilustrar ou reproduzir a realidade, mas propõe-se a auxiliar o espectador na construção de sua própria realidade, baseada na linguagem utilizada pelo material exibido(COELHO; VIANA, 2011).

Sendo a linguagem cinematográfica, muito rica, pois possibilita por meio da associação entre música, discurso e drama, expressar de forma criativa diversas mensagens, tocando o inconsciente do público que assiste, “embaralhando as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção”, exigindo do espectador, uma tomada de decisão para posicionar-se não mais como consumidor passivo de cinema, mas ativo, fazendo parte do processo de construção do senso crítico. (SILVA; DAVI, 2012).

Não se pode falar de Cinema em sala em aula no curso de jornalismo, sem falar de ética no jornalismo. Para este assunto, um filme que rende intensas discussões é O Abutre (2014), dirigido por Dan Gilroy. No filme, o personagem Bloom (Jake Gyllenhaal) é um jovem ambicioso e obstinado que descobre uma forma pouco louvável de ganhar fama e dinheiro no mundo do jornalismo sensacionalista. Um filme tenso, psicológico que ultrapassa as barreiras da ética, em função do comércio da notícia. Uma opção verdadeiramente válida em sala de aula, para o debate sobre a ética jornalística e a mercantilização da notícia.

Por um outro viés sensacionalista, o filme O Quarto Poder (1997), dirigido por Costa-Gavras e protagonizado por Dustin Hoffman e John Travolta, “traz, em narrativa linear, um aspecto particular das encenações do jornalismo no cinema, tratando de conflitos e contradições que envolvem o jornalismo televisivo como espetáculo, e, implicitamente, indica tudo o que um jornalista não deveria ser (BATISTA;

QUEIROZ, 2017).” No filme, Sam Baily (John Travolta), ex segurança de um museu, demitido recentemente, sente-se injustiçado e de posse de uma arma de fogo, faz vários reféns dentro da instituição. O repórter Brackett (Dustin Hoffman). Vê nessa situação, a sua chance de retomar sua carreira de sucesso no jornalismo, e a história acaba sendo totalmente manipulada pela imprensa.

Este é um filme necessário a ser exibido aos futuros jornalistas, pelo seu conteúdo real no âmbito do poder midiático.

Os filmes trazem intrinsecamente, essa característica de provocar a análise e a reflexão em seus espectadores. Podem ser utilizados para construção de conhecimento nas mais variadas áreas do saber. E quando se fala em saberes, um dos pontos que mais geram comentários depois que se assiste a uma obra cinematográfica, são os comportamentos e os perfis psicológicos que se cria para cada personagem da trama. Por este viés, é possível que o professor de psicologia, por exemplo, possa se utilizar desses contextos para explicar em sala de aula, as aplicações das linhas e abordagens possíveis para a terapia a cada paciente. Nesta linha de filmes psicológicos, há um número estupendo de filmes que podem ser utilizados para fins pedagógicos. Um exemplo fantástico de filme nesta área, entre tantos outros, é o filme Réquiem para um Sonho (Darren Aronofsky, 2002), cujos personagens principais são Jared Leto, Ellen Burstyn, Jennifer Connelly. Réquiem para um Sonho, é um filme que, inicialmente pode parecer contar a história de pessoas normais. Mas não se engane. No decorrer da trama, algo as envolve tão drasticamente que o filme toma um rumo tenso e até desesperador, que incomoda e afeta o seu público, de tal modo que depois de assisti-lo, com certeza, seus espectadores ficarão impregnados pelas impressões e dramas vividos pelas personagens. Este é apenas um exemplo de filme nessa área, muitos outros, além de psicológicos, ganham um tom de denúncia, que cabe a discussão para as aulas do curso de jornalismo, como o filme brasileiro Bicho de Sete Cabeças (2000), dirigido por Laís Bodanzky e com roteiro de Luiz Bolognesi baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno. O filme que revelou o ator Rodrigo Santoro para o mundo, é chocante e às vezes cruel, contando o drama vivido pelo Jovem Neto (Rodrigo Santoro), que por ignorância da família, é internado contra a sua

vontade em um hospital psiquiátrico. O filme pode ser utilizado nas aulas do curso de jornalismo no sentido de aguçar o senso jornalístico para as reportagens ou documentários voltados para a denúncia de fatos que ferem os direitos humanos e a sociedade como um todo.

Caracterização do cinema como ferramenta de ensino

O cinema altera a percepção humana da realidade em função de múltiplos olhares e entendimentos decorrentes do que o filme evoca emocionalmente, da informação implícita que transmite, das experiências do espectador que, consciente ou inconscientemente, são ativadas (SILVA; DAVI, 2012)

Diante disso, o professor pode utilizar o cinema como ferramenta em sala de aula com o intuito de ativar a criatividade e competências necessárias para a decodificação de imagens, mensagens ideológicas, contextualizar o material da disciplina que trabalha, induzir a auto reflexão de posturas etnocêntricas, e preconceituosas, despertar o senso crítico e reforçar positivamente o aprendizado de seus alunos (COELHO; VIANA, 2011; SILVA; DAVI, 2012).

Ressaltando que inicialmente as obras cinematográficas não possuem cunho pedagógico (SILVA; DAVI 2012), o professor fica com a tarefa de transformar essa premissa, uma vez que a cultura contemporânea, extremamente visual, estimulada por histórias em quadrinhos, videogames, vídeos, telenovelas, cinema e recursos digitais, está impregnada de saberes, sendo “inúmeras e desconhecidas todas as possíveis formas de uso de filmes em sala de aula” (COELHO; VIANA, 2011).

Na visão de Alencar,

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez (ALENCAR, 2007, p. 137).

Como é possível perceber, o Cinema é uma ferramenta de amplas possibilidades para o uso em sala de aula. O professor, inclusive, pode fazer uma análise de perfil de seus alunos, durante a exibição ou debate de um filme, observando suas falas e comportamentos com relação aos assuntos abordados (COELHO; VIANA, 2011).

Vantagens do uso do cinema como ferramenta didática

O Cinema como recurso lúdico de ensino possibilita ao professor um fortalecimento do vínculo aluno-professor, diminuindo a distância entre ambos, favorecendo a descoberta de novas formas de transmissão de conteúdo e percepção do perfil do aluno, facilitando esse contato, num contexto geral, fortalecendo os processos de desenvolvimento do pensamento com ênfase no processo ensino/aprendizagem. Considerando o fato dos filmes causarem no espectador, sensações, percepções e representações diversas, isso torna as aulas extremamente dinâmicas e um diferencial no cotidiano de ensino (COELHO; VIANA, 2011), aumentando a interação aluno-professor e conduzindo a classe na produção de suas próprias interpretações com relação ao filme e a disciplina estudada (SILVA; DAVI, 2012).

Limitação do cinema como ferramenta de ensino

Para a apresentação de filmes nas escolas/faculdades, recursos tecnológicos mínimos como projetores, televisores, entre outros equipamentos, em boas condições de uso devem ser disponibilizados pela instituição de ensino para que o docente os utilize, sendo responsabilidade do professor, sempre testar a qualidade dos equipamentos que vai precisar para as apresentações em sala de aula (SILVA; DAVI, 2012).

A disponibilidade dos filmes em locadora, internet e acervos institucionais deve ser buscado pelo professor com antecedência, uma vez que ele pode ter em mente um filme de grande potencial agregador no aprendizado de seus alunos, mas não o encontrar disponível para a exibição (SILVA; DAVI, 2012).

Outro fator limitante do uso do Cinema como recurso didático é a sobrecarga de trabalho do professor, que precisa de tempo para analisar aquilo que pode ser proveitoso, daquilo que não é, dentro da obra cinematográfica que pretende apresentar em sala. Sendo que o maior desafio do uso do filme como recurso de ensino, imposto ao professor, não é a adequação quanto à faixa etária, gênero, linguagem ou velocidade, e sim, a forma com a qual o aluno se identifique com a obra e lhe atribua significância.

Crítérios de planejamento para uma utilização satisfatória do cinema como ferramenta de ensino

O professor que pretende utilizar o Cinema como ferramenta de ensino precisa dispor de tempo para analisar os filmes que exibirá em sala de aula, devendo possuir a habilidade de leitura de imagens estáticas e em movimento, assim como também, ter competência no ensino da semiótica de conteúdos presentes em filmes, caso contrário, os filmes serão utilizados como “vídeo enrolação” e não contribuirão em nada com o aprendizado em sala de aula (SILVA; DAVI, 2012).

Também se faz necessário considerar no planejamento do professor, as “possibilidades técnicas e de organização na mostra de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e os conceitos discutidos” em sala de aula (SILVA; DAVI, 2012). Sendo aconselhável que o professor que tenha a intenção de usar o Cinema como ferramenta de ensino, escolha filmes com temas que tornem os alunos analistas das obras exibidas (SILVA; DAVI, 2012).

Os filmes apresentados devem ter conexão com o conteúdo curricular e o docente deve encontrar meios de agregar sua experiência profissional em esforços para reformular e aperfeiçoar sua prática, retirando dos filmes, reflexões que instiguem os alunos a raciocinarem profundamente a partir da clarificação e da explicitação das informações contidas num cenário ou modo de agir dos personagens, cabendo ao professor direcionar a ligação entre filme e conhecimento. (COELHO; VIANA, 2011).

Sugestão para o uso do cinema como ferramenta de ensino

Devido às infinitas possibilidades que o Cinema propicia ao docente, pode vir a ser de grande valia que as escolas/faculdades ofereçam aos professores minicursos que trabalhem sob uma visão pedagógica, a instrumentalização da linguagem cinematográfica como ferramenta de ensino, tornando o professor ciente de que apesar de o Cinema favorecer o aprendizado, também gera interpretações subjetivas baseadas em argumentos do senso comum, decorrente da visão singular de cada espectador, sendo de responsabilidade do professor conduzir a análise do filme de forma a minimizar “achismos” (SILVA; DAVI, 2012).

O professor, após ter planejado sua aula e selecionado o que é proveitoso nos filmes para o seu exercício profissional, pode atuar como mediador de debates e discussões entre os próprios alunos, além de poder contextualizar de forma expositiva o conteúdo de suas disciplinas (COELHO; VIANA, 2011).

Depois das sessões, o professor pode provocar a análise e reflexão dos alunos por meio de relatórios, resenhas e apresentações das impressões das narrativas fílmicas, estimulando a classe a buscar ativamente uma relação entre os assuntos trabalhados em sala de aula, com o conteúdo dos filmes exibidos.

Não há dúvidas de que o Cinema representa para os meios acadêmicos uma poderosa e versátil ferramenta para a contextualização e formação de imagens e processos mentais que favorecem a compreensão e internalização dos mais diversos conceitos estudados em diferentes ciências, independentemente da natureza do estudo.

Fora demonstrado em um dos tópicos anteriores, as limitações, possibilidades e vantagens da utilização do Cinema em sala de aula, porém, como a finalidade deste artigo é apontar para o Cinema como instrumento de consolidação do ensino de jornalismo, aspectos finalísticos sobre o que se deseja ensinar e sobre o papel do jornalista na sociedade, devem ser analisados.

Aristóteles, em sua obra “Política” apresenta a humanidade o conceito de causa final, alegando que as finalidades últimas da vida

humana são o prazer, o poder e a razão, na qual a finalidade da ciência política é estudar o bem humano na política, com o intuito de assegurar a eudaimonia da pólis (felicidade do povo) e garantir meios para que a pólis alcance o seu mais perfeito estado, ou seja, sua causa final que abastece a existência humana de sentido (Aristóteles 2001, pag. 33).

Em analogia ao proposto por Aristóteles em Política, acerca da causa final, são propostos os seguintes questionamentos: qual a função do jornalista para a sociedade? Para que utilizar filmes no processo de formação do jornalista? Quais conhecimentos os filmes podem transmitir e que são essenciais para que o profissional de jornalismo se torne apto a desenvolver suas atribuições, que justificam sua existência?

Como se pode notar, as respostas para os questionamentos acima, são tautológicas, pois possuem como cerne a junção do jornalista e seu papel social que é trabalhar em prol da sociedade, investigando, avaliando a confiabilidade das informações de valor social e comunicando à sociedade de forma ética e imparcial. Na qual, no contexto trabalhado, é possível observar o potencial do Cinema como ferramenta de ensino, visto que grande fonte do jornalismo é o cotidiano, onde o jornalista, por meio da linguagem, formula e apresenta uma realidade possível de ser interpretada pelo público e subjetivamente dotada de sentido e forma coerentes, concedendo à sociedade uma realidade da vida cotidiana provida de ordem (BARROS, et al. 2001).

Segundo BARROS, et al. (2001), da feita que uma particular definição de realidade construída pelo jornalista se liga a um interesse concreto de poder, esta realidade se torna uma ideologia que de acordo com Chauí (a-1995), asseguram o poder das classes/castas dominantes que exploram as demais classes por meio de explicações, ideias e representações que são difundidas no meio social pelas classes dominantes, escondendo do público a real relação de exploração econômica e dominação política, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.

Desta forma, as definições de realidade produzidas pelos jornalistas satisfazem a necessidade das massas por informação, mas também catalisam a legitimação de ideologias.

Neste âmbito, considerando a principal característica do jornalista em seu exercício profissional que é ser imparcial na construção da notícia que informará a sociedade sobre seu estado em um dado momento, suas transformações, organização social, eventos sociais, políticos, econômicos, etc., é possível observar uma das oportunidades que o Cinema proporciona no ensino do jornalismo e no desenvolvimento do senso crítico e de observância da ética em seus amplos aspectos.

Ética, o ser ético e para que ser ético

Etimologicamente, a palavra ética é de origem grega e possui duas possíveis raízes; a primeira, êthos (ἦθος), escrita com ἦ (eta), e a letra e, em grafia minúscula, que significa caráter, enquanto a segunda origem, ethos (θος), escrita com épsilon, e a letra E, em grafia maiúscula apresenta o sentido de hábito e costume, conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo (CFF, 2017 apud ZUBIOLI, 2004).

Como campo de estudo, a ética se estende para muito além de seu significado etimológico, assumindo um caráter epistemológico e axiológico, em função de se tratar de um estudo sobre a própria natureza humana, sendo importante considerar dentro deste âmbito o que pensadores como Heródoto e Pitágoras (484-424 a.C) analisaram em suas inúmeras viagens a partir da observação de que as crenças e comportamentos de diferentes povos se manifestavam de formas diferentes e repleta dos mais distintos significados, instituindo-se assim um parâmetro muito importante dentro do pensamento ético - O Relativismo Cultural - que propõe o seguinte questionamento: Se diferentes pessoas acreditam em coisas diferentes das que acreditamos, como sabemos que nossas crenças estão corretas e como se pode ter certeza de que qualquer crença é verdadeira? (ROBINSON; GROVES, 2012).

Uma análise dos clássicos do conteúdo ético da filosofia ocidental, assim como da filosofia da idade média, moderna, pós moderna e contemporânea demonstra que a relatividade em relação a validade dos valores da conduta humana e do viver em sociedade não se restringe unicamente a características demográficas, mas

também ao contexto tempo-espaço nas quais as condições ambientais, políticas, econômicas e sociais se modificam e transformam as condições de vida humana, resultando em modificação de discursos já existentes ou mesmo a criação de novos discursos e conhecimentos que atribuam sentido e coesão à existência do ser humano em sociedade (ROBINSON; GROVES, 2012).

Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, por meio de seus inúmeros trabalhos, incentivou gerações posteriores de filósofos a analisarem criticamente tipos especiais de conhecimentos místicos ou ideias, que estariam escondidas sob a superfície, sob a aparência do cotidiano. Sendo muito comum dentro do estudo da ética, da metafísica e epistemologia e aplicação do mito da caverna, na qual demonstra que somos “prisioneiros”, ensinados desde que nascemos a acreditar que os fenômenos e as experiências do dia a dia são tudo o que existe. Porém seu sistema filosófico é fechado e se aceita plenamente, constitui um perigoso incentivo ao desenvolvimento de uma utopia dominada por uma elite autoritária e “superior” (ROBINSON; GROVES, 2012).

Aristóteles (384-322 a.C.), por sua vez, exemplifica em seus trabalhos que, para o ser humano ser ético, a moderação se faz necessária para que este não viva socialmente em desarmonia. Sendo entretanto a ética aristotélica mais dirigida à própria realização do que o que se entende sobre moral, no sentido de código de conduta. Para Aristóteles, assumir responsabilidades é importante e ser ético inclui não só saber o que é certo, mas acima de tudo escolher fazer o que é certo, aceitando, concomitantemente, a responsabilidade por suas ações voluntárias que envolvem outros indivíduos (ROBINSON; GROVES, 2012).

A ética, dentro de um contexto filosófico ocidental, também sofreu influência do pensamento estoico, cético e cínico, nas quais os estoicos acreditam que o universo é racional, apesar de a vida humana, social e política ser má e cruel, sendo necessário a recusa da vaidade e orgulho, assim como tomar cuidado com o apego sentimental, que distorce a percepção e clareza de julgamento; os céticos e cínicos por sua vez acreditam que ser sábio é não acreditar que possua caráter dogmático, contribuindo tais linhas de pensamento com o desenvolvimento de muitos sistemas filosóficos, jurídicos e éticos, inclusive

da contemporaneidade (ROBINSON; GROVES, 2012).

O pensamento da Grécia Antiga, sem sombra de dúvida, influenciou vigorosamente a lógica e processos de pensamento da humanidade, tanto que influencia inclusive nos dias atuais. Entretanto, para o escopo deste trabalho, a extensão desta influência se limitará a demonstrar como a filosofia ocidental afetou a concepção de ética no tempo-espaço e favorecer a identificação de resquícios de tal influência na contemporaneidade (ROBINSON; GROVES, 2012).

Na idade moderna, os principais nomes que contribuíram para um novo olhar sobre os valores humanos foram Hume, Kant, Bentham, Mill e Sartre.

David Hume (1711-1776), afirmava que é impossível comprovar crenças ou convicções morais, pois o conceito de maldade é algo que não se pode ver, sendo as qualidades negativas como mau, atribuídas às pessoas em função de sentimentos subjetivos, como “não gosto de fulano”, que são frutos de experiências passadas de caráter casual. Devendo os seres humanos frente a casualidade fenomênica do mundo em que vive, sempre contarem com seus sentimentos naturais de compaixão e respeito por todas as tradições sociais para serem felizes (ROBINSON; GROVES, 2012).

Immanuel Kant (1724-1804) em seu livro a crítica da razão pura, demonstra que a mente humana é ativa, e não um recipiente inerte que recebe informações passivamente, sendo o mundo como conhecemos construído de forma que faça sentindo a partir de nossas experiências passadas e dos conhecimentos a priori. Divergindo seu pensamento de Hume por afirmar que o mundo não é casual, mas sim que somos condicionados a acreditar em casualidade. Kant também reporta em seu trabalho a existência de dois mundos que constituem objetos de estudo das ciências humanas: o mundo fenomênico (mundo onde ocorrem os fenômenos e os observamos tais como eles parecem ser) que é parecido com o mundo noumênico (mundo onde os fatos ocorrem tais eles são), sendo o segundo não condicionado ao tempo e espaço e possível somente a Deus) (ROBINSON; GROVES, 2012).

Acerca do mundo fenomênico e noumênico, Kant questiona se é possível viver no mundo fenomênico e ainda assim confiar na existência do mundo noumênico. A partir deste questionamento, considerando a categorização da existência dos fenômenos, dos valores e Deus, Kant propunha por meio de um método denominado imperativo categórico, que diferente dos objetos materiais, o ser humano é capaz de fugir do mundo da casualidade, porém, para isso precisa escolher, motivado pela própria vontade de um ser moral, no qual “poder implica dever”. Ou seja, ser uma pessoa moral significa não fazer o que vem dos desejos (impulsos), devendo-se lutar contra nossas inclinações e maus desejos (ROBINSON; GROVES, 2012).

No campo da existência, Sartre (1905-1980) alega que “estamos condenados a sermos livres e precisamos decidir sozinhos quem somos”, distinguindo as pessoas entre as de má-fé, que tentam escapar de sua liberdade o tempo todo e de todas as formas assumindo um papel social e conseqüentemente distorcem sua verdade e se transformam em coisas (ainda assim confirmando sua liberdade pela coisificação segundo Karl Marx (LEFEBVRE, 1991); e as pessoas autênticas (termo proposto por Heidegger para descrever as pessoas ativas na busca do ser). Em um contexto geral, a principal contribuição de Sartre para o estudo da ética é a elucidação, ou melhor, verbalização de que todos existem de uma determinada forma em função de escolhas que são individuais e que traz consigo a responsabilidade sobre a forma como se é percebido socialmente e moralmente, podendo a ética neste caso ser interpretada como uma escolha que possui intrinsecamente em si uma responsabilidade (ROBINSON; GROVES, 2012).

Contemporaneamente, de acordo com Medeiros (2002) apud Chaui (1995), a ética pode ser compreendida como uma “[...] filosofia moral, isto é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais” (p.339). Aqui deparamo-nos com outro ponto a ser compreendido: a moral. Segundo a mesma autora, moral consiste nos “[...] valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos” (p. 339). Referindo-se à moral a normatividade nativa de cada sociedade, abrangendo os seus costumes, normas e regras que permeiam o cotidiano e que visam a regular as relações entre os sujeitos. A ética é a reflexão crítica sobre a moral, ou seja,

pensar naquilo que se faz, repensar os costumes, normas e regras vigentes na sociedade.

Quando se lê sobre ética, desde Platão, Aristóteles entre outros, filósofos e pensadores da antiguidade até os dias atuais, e ao se trazer esse pensamento conceitual a ser aplicado ao jornalismo, nota-se que a moral acompanha-se da ética, ou vice-versa, não demonstrando absolutamente, estes valores, ligados ao profissionalismo, mas à pessoa, o que em relação ao jornalismo, pode provocar os seguintes questionamentos: é possível aprender a ser ético, ou a ética é inata?

Trazer o Cinema para a sala de aula, especificamente para as aulas de Ética Jornalística, é possível para facilitar o entendimento das aplicações do Código de Ética do Jornalista Brasileiro, contemplando todos os seus Artigos.

Ressaltamos aqui, um desses artigos, que pode ser utilizado em sala de aula, e exemplificado por meio da exibição de filmes

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;

III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;

IV - defender o livre exercício da profissão;

V - valorizar, honrar e dignificar a profissão;

VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;

XII - respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria;

XIII - denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;

XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Considerações finais

Diante do estudo realizado através de inúmeras leituras e escrita para a composição deste trabalho, conclui-se que o Cinema se propõe, além de outras coisas, a servir como ferramenta pedagógica no curso de jornalismo, servindo ao propósito de treinar o olhar e os demais sentidos dos acadêmicos, para a percepção dos valores, mudanças, perfis e comportamentos sociais e éticos, dentro e fora da profissão de jornalista.

Sendo que, para este último, o senso de observação e a capacidade da leitura da imagem, conta a favor do sensibilidade e percepção dos mais variados ângulos de um mesmo fato. Todas essas capacidades possibilitam o entendimento da comunicação, inclusive a comunicação não verbal, que além de permitir explorar a semiótica implícita nas interações entre os personagens no decorrer das exibições fílmicas, possibilita o exercício da crítica e da reflexão sobre a ética em seus inúmeros aspectos.

O Cinema dispõe de diversos meios que levam ao enriquecimento cognitivo, abrindo um leque de possibilidades à mentes pensantes, através de discussões embasadas no entendimento

de todas as áreas de ensino que o Cinema pode abarcar. Um dos papéis fundamentais do professor de comunicação social, por exemplo, é o de instigar no acadêmico, a sua capacidade de pensar e criar o seu próprio ponto de vista sobre as mais variadas situações, e o Cinema tem esse poder, basta saber usá-lo adequadamente, com ética e responsabilidade.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, S.E.P. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Acesso em: 04/2018, disponível em: <fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>.
- ARISTÓTELES, **Política**. Tradução por TOLENS, P.C., Editora Martin Claret, 6ed, 2001.
- AQUINO, E.A.; NASCIMENTOS, R. R. S.; SILVA, J. I.; SILVA, V. E. C.; SILVA, C. N. M. Cinema como Instrumento didático-pedagógico no ensino de geografia, 2005. Acesso em: 03/2017, disponível em: <www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA5_ID4901_15082015081522.pdf>.
- BARROS, A. T.; DUARTE, J. A. M.; MARTINEZ, R. E. (Orgs.). Comunicação: Discursos, Práticas e Tendências, 1ed. Editora Rideel UNICEUB, Brasília, 2001.
- COELHO, R.M.F.; VIANA, M.C.V. A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no instituto de ciências exatas e biológicas da UFOP, Revista da Educação Matemática da UFOP, V. 1, p. 89-97, 2011.
- COSTA, C. Sociologia: Introdução à ciência da sociedade, 3ª. Ed. São Paulo, SP. Moderna, 2007.
- CARMO, L. O cinema do feitiço contra o feiticeiro, Revista Ibero Americana de Educação. N.32, 2003
- DUARTE, R. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002, 128p
- FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. (org.). TV na escola e os desafios de hoje: Curso de extensão para Professores do Ensino Fundamental e médio da Rede Pública. Unirde e Seed/Mec. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. v.1, 2 e 3.
- CHAUÍ, M. A. Convite a Filosofia. Editora Atica, São Paulo, 1995.
- CHAUÍ, M. B. O que é Ideologia. 2ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 2001.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, ENSINO DE DEONTOLOGIA E LEGISLAÇÃO FARMACÊUTICA: CONCEITOS E PRÁTICA DE ACORDO COM O CÓDIGO DE ÉTICA - RES. CFF N°596/14. 96f, 2017. Acesso em: 09/2017 Disponível em: <http://crf-pr.org.br/uploads/noticia/19003/livro_deontologia_web.pdf>
- LEFEBVRE, H. Marxismo. Editora L&PM, Porto Alegre, 1991.
- MEDEIROS, G.A. Por uma Ética na Saúde: Algumas Reflexões sobre a Ética e o Ser Ético na Atuação do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão. v.22, n.1, 2002.
- MACEDO, F. O que é Cineclube. 2017. Acesso em 27/2017, disponível em: <http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclubertigos/o-que-e-cineclube/>
- BATISTA, G.; QUEIROZ, R. Os poderes do Jornalismo: Sensacionalismo e manipulação da opinião pública no filme O quarto do poder. Coleção Jornalismo em sala de aula, 201p, Editora do CCTA, João Pessoa, 2017.
- RAVANELLO, B.R. O Cinema como Prática social. Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/bd/GT9-_12-_O_cinema_como_pratica-_Ricardo.pdf> acesso em 02.04.2013
- ROBIBSON, D.; GROVES, J. Entendendo Filosofia: Um Guia Ilustrado, Leya, São Paulo, 2012.

SILVA, A.P.R; DAVI, T.D. O Recurso Cinematográfico como Ferramenta em Sala de Aula, Cadernos da FUCAMP, v.11, n.14, p.23-36, 2012.

Artigo **recebido** em 18 de fevereiro de 2018.

Avaliado em 15 de março de 2018.

Aceito em 05 de abril de 2018.

Publicado em 20 de junho de 2018.